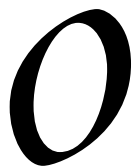


Denise Dantas

Orientador:  
Prof. Dr. José Jorge Boueri Filho



CENÁRIO PÓS-INDUSTRIAL:  
MODIFICAÇÕES NO  
AMBIENTE DO OBJETO NA  
SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA *e seus*  
NOVOS PARADIGMAS

I 22

pós-

## RESUMO

Este artigo busca analisar as relações socioculturais e mercadológicas do objeto, identificando as modificações que caracterizam a sociedade contemporânea, a partir da elaboração de um paralelo entre a sociedade industrial e a pós-industrial, enfatizando, principalmente, as modificações ocorridas nos aspectos que interferem na produção de bens de consumo. Buscando traçar um cenário contemporâneo da cultura material, considera também as modificações ocorridas no cotidiano e em sua organização, no espaço de morar, nas relações sociais, produtivas e de consumo que interferiam na produção de objetos nos últimos 40 anos.

## PALAVRAS-CHAVE

Design industrial, cultura material, sociedade pós-industrial, design, teoria do objeto, cultura contemporânea.

EL ESCENARIO POST-INDUSTRIAL:  
MODIFICACIONES EN EL AMBIENTE  
DEL OBJETO EN LA SOCIEDAD  
CONTEMPORÁNEA Y SUS NUEVOS  
PARADIGMAS

pós- | 123

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar las relaciones socioculturales y de la comercialización del objeto, al identificar las modificaciones que caracterizan la sociedad contemporánea, a partir del establecimiento de un paralelo entre la sociedad industrial y la post-industrial, con énfasis en las modificaciones de los aspectos que intervienen con la producción de bienes de consumo. Con el objetivo de esbozar un escenario contemporáneo de la cultura material, también considera las modificaciones ocurridas en lo cotidiano y su organización, el espacio de vivir, las relaciones sociales, productivas y del consumo que han interferido con la producción de objetos en los últimos 40 años.

PALABRAS CLAVE

Diseño industrial, cultura material, sociedad post-industrial, diseño, teoría del objeto, cultura contemporánea.

THE POST-INDUSTRIAL  
SCENARIO: CHANGES IN THE  
OBJECT ENVIRONMENT, IN  
CONTEMPORARY SOCIETY, AND IN  
ITS NEW PARADIGMS

ABSTRACT

This article studies the social, cultural, and marketing relations of the object, identifying changes that have defined contemporary society based on a comparison between industrial society and post-industrial society, with particular emphasis on changes that interfere with the manufacturing of consumer goods. It provides a survey of the contemporary setting of material culture and considers changes taking place in everyday life and their organization, in the living space, and in social, production, and consumption relations that have affected the manufacturing of objects over the past 40 years.

KEY WORDS

Industrial design, material culture, post-industrial society, design and theory of object, contemporary culture.

## INTRODUÇÃO

Um dos principais objetivos do design industrial sempre foi projetar novos objetos e sistemas. Desde a Revolução Industrial até hoje diversos contextos se apresentaram como cenário para esses objetos, construindo nossa cultura material. Podemos encontrar diversas definições e atribuições para a palavra “objeto”. No senso comum, sinônimo de... *“tudo o que é manipulável ou manufaturável; tudo o que é perceptível por qualquer dos sentidos; coisa, peça, artigo de compra e venda...”* (AURÉLIO, 1995, p. 460). Para o teórico Abraham Moles (1974) “industrial e artificial” são as principais características dos objetos. Segundo o autor (1974, p. 181), *“el objeto es un elemento móvil y artificial del mundo circundante, fabricado por el hombre, accesible a la percepción y destacable de su entorno; hecho a la escala del hombre, es esencialmente manipulable y subsiste a través del tiempo con una gratuidad de permanencia”*. Quando define objeto, Moles (1974, p. 21)<sup>1</sup> afirma que esses são elementos produzidos por homens e fábricas e têm como principal objetivo a mediação entre as situações cotidianas e os atos, assumindo uma função específica. Podemos perceber, nessa definição, uma visão funcionalista, pouco adequada ao contexto social contemporâneo.

(1) Citação original:  
*“elementos producidos, a lo lejos, por hombres, fábricas, etc., que sirven de mediadores entre las situaciones y los actos, asumiendo una función: utensilios y productos son los ejemplos más evidentes.”*

Considerando o ambiente do objeto como seu cenário social, onde este serve de personagem para o desenrolar da trama central, a saber, as relações interpessoais, como podemos, então, com tantas mudanças nesse cenário, encarar nosso personagem como algo estático e imutável em uma sociedade de rápidas mudanças como a nossa? Perceber o novo e saber como se comportar diante dele, entender o cenário para depois definir ações, explorar possibilidades a partir da análise das tendências apresentadas. Esse deve ser nosso objetivo como projetistas que, como o nome indica, prevêm situações, fazem projeções acerca de, indicam caminhos possíveis a serem seguidos.

Sendo inegável o papel de destaque e a importância das novas tecnologias da informação e da comunicação na sociedade atual, devemos discutir, então, como essa nova revolução, que além de tecnológica também é informacional, impulsionada pelas tecnologias digitais, interferiu no ambiente do homem e do objeto. A nova relação que existe entre o produtor e o usuário, o novo papel do consumidor nesse contexto – esses são itens que devem ser esclarecidos, tomando-se como base as relações socioculturais existentes na sociedade industrial e seus desdobramentos para a sociedade pós-industrial.

Bedbury (2002, p. 38) declara que atualmente o objeto/produto *“nada mais é do que um artefacto ao redor do qual os clientes tem experiências”*, tornando-

se, portanto, apenas uma parte do que se constitui o relacionamento entre o consumidor e a marca, verdadeiro interesse das empresas atualmente. O geógrafo Milton Santos (2000, p. 51), por sua vez, assevera: *“uma das grandes diferenças entre o mundo de há cinquenta anos e o mundo de agora é esse papel de comando atribuído aos objetos. E são objetos carregando uma ideologia que lhes é entregue pelos homens do marketing e do design ao serviço do mercado.”* Como designers de objetos, construímos o novo cotidiano em sua materialidade, configurando espaços, modos de vida, ações e emoções e, também, modos de pensar.

Elaborar um paralelo entre a sociedade industrial e a pós-industrial, enfatizando, principalmente, as modificações ocorridas nos aspectos que interferem na produção de bens de consumo, irá nos ajudar a refletir sobre nossas ações projetuais. Para isso, torna-se imprescindível tratarmos das modificações ocorridas no cotidiano e sua organização, no espaço de morar, nas relações sociais, produtivas e de consumo que interferiram na produção dos objetos. Sendo o design industrial, como o termo próprio diz, uma atividade oriunda da Revolução Industrial, esteve sempre a ela atrelada e por ela foi moldada. Com todas as modificações ocorridas nos últimos 50 anos, entendemos que se torne necessário traçarmos um paralelo entre os agentes condicionantes presentes na era industrial, responsáveis por moldar a atividade do design de objetos, como a entendemos atualmente, com os novos agentes presentes hoje, seguramente diferentes, e que nos levarão a um outro entendimento do design pós-industrial.

Daniel Bell (1973), um dos principais estudiosos da sociedade pós-industrial, defende que a análise da sociedade deve distinguir três aspectos principais: a organização política, a cultura e a estrutura social, sendo a organização política responsável por regular a divisão do poder e garantir a ordem social, mediando os conflitos individuais e de grupo; a estrutura social abrange as questões de economia, tecnologia e sistemas operacionais, e a cultura é o campo dos símbolos e dos significados, no qual as demais características se expressam e constroem a sociedade. Chegamos, assim, à elaboração de um contexto social, definido por Fiske (2001, p. 61) como capaz de *“descrever as circunstâncias sociais, políticas e históricas mais gerais e as condições dentro das quais as ações, processos ou eventos são localizadas e se tornam significantes”*. Seguindo esse roteiro e desdobrando-o, chegamos à elaboração de um novo roteiro para a análise do cenário pós-industrial que consiste, a partir das três linhas acima propostas, nos seguintes itens: características sociais, produtivas, mercadológicas e tecnológicas. Desse modo, para as características sociais abordamos as crenças e pensamentos – qual a relação entre a ciência e o conhecimento e os momentos políticos vigentes?; a cidade, a casa e a família – as principais características das organizações sociais e seu impacto no ambiente, moradia e cidade; o trabalho e sua organização – as modificações na organização do trabalho e seu impacto no cotidiano. No item referente às características produtivas, são agrupados os conceitos que dizem respeito aos meios de produção e características do trabalho advindas dele. O item referente às características mercadológicas apresenta a maneira como o mercado se organiza em cada uma das duas estruturas sociais, enfatizando o papel do consumidor nesse processo. O item referente às

características tecnológicas apresenta a relação dos setores acima com a tecnologia e, como resultado, seu impacto gerador de mudanças, buscando uma análise das consequências dessas mudanças no cotidiano e na produção.

## A SOCIEDADE INDUSTRIAL

Para De Masi (1999, p. 49 – Quadro 2), a sociedade industrial se iniciou na metade do século 18 e terminou na metade do século 20. Podemos considerar a sociedade pré-industrial como tendo seu término tardio no final do século 19. Ele indica que o termo “sociedade industrial” foi utilizado, pela primeira vez, por volta de 1830, por Carlyle. A época industrial era representada pelo sistema mecânico, podendo também ser definida como linear, uma vez que sua história demonstra um percurso que avança mediante novas descobertas feitas a partir do esgotamento de um recurso energético conhecido. Conservando a consciência de sua dependência da natureza, Tourraine apud Cinti (DE MASI, 1999, p. 167) afirma que a sociedade industrial pode ser caracterizada por um domínio por exploração, no qual a produção de produtos era posterior à detecção de um problema. Esse processo é episódico, seqüencial e dialético, no qual o esgotamento de um recurso gera a necessidade da exploração de novas fontes energéticas. Também pode ser caracterizada pela sobreposição da política em relação ao mercado.

Se a sociedade agrária e mercantil era caracterizada pelo nível de acumulação conseguido, a industrial se caracterizava pela organização do trabalho e pelas relações de consumo estabelecidas a partir do distanciamento entre usuário e o produtor do bem. Necessitava, portanto, de distribuição e hierarquia de consumo. O conceito de progresso estava ligado à velocidade, sendo esta um símbolo da modernidade, representando o movimento linear do crescimento da sociedade em direção ao futuro.

A Igreja, atuando como elemento centralizador na era rural, detentora do poder e da cultura da época e, portanto, dominadora e determinadora dos hábitos e costumes, dá lugar, na era industrial, à indústria, que atua como catalisadora, imposta pela própria complexidade de sua estrutura. As mudanças na organização do trabalho tornam-se o ponto mais importante na nova era, com o distanciamento do espaço do trabalho do espaço do lar. A sincronização do tempo pode ser vista já na sociedade rural, regida pelas condições naturais, estações do ano e o clima, dia e noite, gerando uma organização daquele baseado em tarefas. Na sociedade industrial essa sincronização passou a ser feita pelo tempo do trabalho e a organização do tempo se deu em função daquele. Para Bauman (2003, p. 30), a Revolução Industrial pode ser entendida como uma *“adaptação das massas à nova rotina rígida, o chão de fábrica governado pelo desempenho de tarefas”*. Complementando, De Masi (1999, p. 59) declara: *“O princípio da sociedade industrial era colocar o trabalho à disposição do capital.”* Santos (2000, p. 164) indica que esse período também foi caracterizado por mais investimentos maciços, concentração de capital e do próprio sistema técnico, características estas que geravam, por sua vez, um sistema inflexível física e moralmente.

As palavras-chave que podem descrever todas as características apresentadas acima são agregar, concentrar, agigantar, padronizar, especializar, maximizar.

## A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Sociedade pós-industrial, sociedade programada, sociedade da informação, sociedade tecnocrática, revolução informacional, terceira onda. Vários são os termos utilizados por diversas correntes de estudiosos de sociologia para definir o estágio atual, alguns deles contrapostos, outros complementares. Adotamos o conceito de sociedade pós-industrial proposto por De Masi (1999), o qual utiliza a definição do Isvet<sup>2</sup>. O autor afirma que o nascimento da sociedade pós-industrial pode ser datado de 1956, pois nesse ano, pela primeira vez, nos EUA, o número de trabalhadores dos setores administrativos superou, em termos numéricos, os trabalhadores da produção. Inferir uma data precisa é bastante difícil e artificial, mas indubitavelmente o período pós-Segunda Guerra Mundial é considerado, por vários autores, como o período de mudanças profundas na sociedade. Podemos encontrar as mesmas afirmações também em Kerckhove (1997) e Bell (1973).

O grupo Naisbitt indicou, em seu estudo *Megatendências*, dez características principais, das quais destacamos a primeira, a indicar a passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação. O grupo não referiu, em seu texto, a passagem para os serviços, indicando a questão informacional como sendo mais importante. De Masi nos lembra de já estarmos na sociedade pós-industrial, se analisarmos suas características, porém a maioria das pessoas ainda a considera uma época futura. Isso se deve, principalmente, à convivência entre os dois arranjos, sem que haja uma superioridade quantitativa do novo sobre o velho. A passagem de uma fase para a outra não significa uma substituição radical da primeira pela segunda, mas sim apenas que um conjunto de características assume o controle no lugar do outro. Vale ressaltar: lembrando afirmação de Hegedus apud De Masi (1999, p. 63), a sociedade industrial não desaparece nem deixa de ser importante, apenas perde seu caráter enquanto principal sistema de produção.

Podemos indicar três fenômenos que, ao emergirem, prenunciaram o final da era industrial: a convergência progressiva entre países industriais, independentemente de seu regime político, principalmente Rússia e EUA, o que deu início à globalização; o crescimento da classe média na sociedade e das tecnoestruturas<sup>3</sup> nas empresas e a difusão do consumo de massa e da sociedade de massa. A sociedade pós-industrial, ao contrário da industrial, fundamenta-se na formulação social de questões e problemas, mais do que sobre a descoberta técnica de soluções. Se a sociedade industrial partia da análise das condições e situações reais existentes e recursos disponíveis para depois projetar o sistema, a pós-industrial primeiro define o objetivo a ser atingido para depois simular modalidades possíveis para atingi-lo.

Acrescido a isso, relembramos Tourraine, ao afirmar que, ao invés da dominação por exploração, a sociedade pós-industrial se caracteriza pela dominação por alienação. O sujeito dominado, nesse caso, participa de modo dependente de sua sociedade, dentro dos limites estabelecidos pelas classes dirigentes, sendo a sedução, manipulação e incorporação as principais características dessa alienação. Ao invés de explorar a natureza, a sociedade pós-industrial, a partir dos conhecimentos científicos, pode entendê-la, dominá-la parcialmente e fabricá-la, encarando os obstáculos naturais não mais como limites

(2) Instituto para o estudo sobre o desenvolvimento econômico e o progresso técnico.

(3) Tecnoestruturas: conceito de Galbraith, no qual a organização decisória é composta por altos funcionários da sociedade, empregados, especialistas, com função de serem a inteligência diretiva da empresa, no lugar do conselho administrativo. A tecnoestrutura é considerada por vários autores como a força de produção dominante atualmente. In: DE MASI (1999, p. 32).

da ação. Santos (2000, p. 32) afirma: *“Até a nossa geração, utilizávamos os materiais que estavam à nossa disposição. Mas a partir de agora podemos conceber os objetos que desejamos utilizar e então produzimos a matéria-prima indispensável à sua fabricação.”* Desse modo, materiais e métodos não são mais os fins almejados, mas sim os meios de atingir os objetivos.

Em 1990, em seu relatório *Megatrends 2000*, Naisbitt (apud GADE, 1998, p. 208-209) já indicava a tendência da aceleração tecnológica a qual viria com o processo de globalização, principalmente nas telecomunicações e na informática. Desse modo, vemos que o papel das novas tecnologias de informação e comunicação, na transformação da sociedade industrial para a pós-industrial, foi fundamental. Elas atuam como extensoras das capacidades humanas, minimizando a fadiga física, potencializando sua capacidade de memória e cálculo, ampliando seu conhecimento e reduzindo o tempo necessário para a verificação de resultados. Fazem a passagem do material ao simbólico, do tangível ao efêmero, do intuitivo ao sensitivo, do compreensível ao inimaginável. Para Santos (2000, p. 45), atualmente *“a técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério e uma banalidade”*, já que ela é aceita, mas não compreendida. Banalidade, por estar muito presente no cotidiano; mistério, porque seus fundamentos científicos fogem à nossa percepção imediata. Sendo necessária para desenvolver a maior parte das atividades hoje, torna-se uma necessidade universal e tem sua presença assegurada pela necessidade. Portanto, acaba *“dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la”*. (SANTOS, 2000, p. 45)

Reduzindo os esforços necessários para a execução das atividades, transformam o tempo do trabalho em tempo livre o qual pode ser dedicado ao crescimento individual e coletivo e também ao lazer. Kerckhove (1997, p. 98) declara que o impacto das novas tecnologias na modificação das relações de trabalho/moradia foi maior do que o impacto do automóvel nas cidades americanas. Sugere o autor que a nova arquitetura e planejamentos urbanos começarão a ser pensados em termos de acessibilidade de comunicação e não mais em termos de infra-estruturas viárias.

John Naisbitt apud Lima (2000, p. 1) assevera: *“Na rede econômica mundial que teremos no século XXI, a tecnologia da informação será a responsável pelo processo de mudança da mesma forma que a manufatura tinha esta responsabilidade na era industrial.”* Para Toffler (2001), as mudanças são muito mais profundas do que apenas a fábrica ou o escritório, mas envolvem modificações estruturais no sistema social em sua totalidade, interferindo na vida do homem, tanto na esfera pública quanto na privada, no tempo do lazer e no tempo do trabalho. Para Tourraine apud De Masi (1999, p. 59), a sociedade pós-industrial produz, principalmente, conhecimento, administração de sistemas e capacidade de programar mudanças. Destaca: *“uma sociedade industrial é orientada para as ‘leis de mercado’ ou para a criação de um quadro econômico. Uma sociedade pós-industrial é igualmente orientada para o movimento e, portanto está muito longe da volta a um modelo de equilíbrio; ela não concebe mais o movimento como uma abertura ou uma aventura, a do empreendedor ou do lucro, mas como gestão de sistemas, como capacidade de programar a mudança.”* (CINTI in DE MASI, 1999, p. 174-175)



É importante também relacionarmos os estágios e classificações econômicas presentes em Penzias apud Lima (2000, p. 117 – Quadro), a definir três estágios no desenvolvimento da sociedade: a era da quantidade, a era da qualidade e a era da harmonia, respectivamente caracterizadas por:

1 – produção em massa, enfatizando o planejamento e a economia de escala, a hierarquia organizacional, tecnologia mecânica com ilhas de tecnologia, exploração do meio ambiente. O maior valor é o volume;

2 – corresponde aos últimos 30 anos, preocupação com a qualidade como meio para alcançar a competitividade e manter-se lá. Enfatiza o cliente e a programação controlada, preservação do meio ambiente; o maior valor é a *performance*;

3 – foco nas necessidades individuais dos clientes, que se tornam parceiros no desenho e desenvolvimento dos produtos, objetivo de atender à sua demanda específica, usando tecnologia na busca desse processo de individualização, personalização, o acesso à informação, trabalhando com uma economia de conveniência, renovação ambiental e convergência de tecnologia. O principal valor é a coerência.

Podemos indicar que, se a primeira era tipicamente característica da sociedade industrial, a segunda pode ser considerada a etapa de transição para a era atual, em que a busca da harmonia torna-se o objetivo principal.

As palavras-chave que podem descrever resumidamente todas essas características apresentadas acima são programar, dispersar, diminuir, pulverizar, descentralizar.

## A MODIFICAÇÃO DO CENÁRIO

Podemos indicar, segundo Santos (2000), que as bases materiais que caracterizam o período atual são, portanto, a unicidade técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. A unicidade técnica, a partir da já citada tecnologia digital da informação, pressupõe que o acontecer local seja percebido pela sociedade como um elo para o acontecer mundial. Ter conhecimento instantâneo do acontecimento do outro transforma essa tecnologia em técnica hegemônica difundida em rede. Isso permite a simultaneidade de ações ao redor do planeta, a determinar o que o autor chamou de convergência de momentos e, conseqüentemente, o conhecimento do planeta. Juntos, eles permitem a evolução das demais características sociais que serão estudadas a seguir.

As principais modificações sociais ocorridas nos dois períodos podem ser divididas em três blocos:

1 – modificações sociais, a englobarem elementos relativos à cidade, à casa e à família; às crenças e pensamentos, englobando elementos de ciência, conhecimento e política; e ao trabalho e sua organização social;

2 – modificações ocorridas no setor produtivo;

3 – modificações ocorridas a partir do desenvolvimento tecnológico.

A era industrial definiu a separação entre sistema familiar e sistema profissional, com a progressiva substituição da extensa família patriarcal presente

na sociedade pré-industrial pela família nuclear. Isso trouxe, também, a separação do lugar onde se vive e do local de trabalho, que passou a ser distante, a “fábrica”. As modificações ocorridas no espaço de morar, na sociedade industrial, tiveram como principais fatores determinantes essas modificações nas relações de trabalho e na configuração do núcleo familiar e o novo papel do Estado. Tramontano (1998), em sua tese de doutorado *Novos modos de vida, novos espaços para morar*, indica-nos que o modo de vida metropolitano, como conhecemos hoje, teve início nos séculos 18 e 19, a partir da mudança no núcleo familiar. Os espaços habitáveis passam, então, a sofrer alterações em função da produção e do consumo dos produtos industriais que qualificam esses espaços, fugindo de uma configuração mista. As áreas de trabalho doméstico, áreas de estar e de lazer são separadas e inicia-se a busca do espaço individual dentro do espaço da família. É importante ressaltar, nesse período, a implantação de uma nova tipologia habitacional, as habitações coletivas ou condomínios verticais, que surgiram após a Primeira Guerra Mundial para solucionar o problema da falta de espaço nas grandes cidades. Elas também passam a determinar um novo modo de organizar atividades domésticas, em que não há a presença de grandes áreas livres privadas, as quais são substituídas por áreas de uso coletivo. O principal espaço da casa afetado por essa modificação é a área de serviços, onde é feito o tratamento de roupas e limpeza. Os primeiros eletrodomésticos surgiram, principalmente, para resolver alguns desses problemas: lavagem de roupa e limpeza doméstica.

Santos (2000, p. 63) esclarece: “*as técnicas oferecem respostas à vontade de evolução dos homens e, definidas pelas possibilidades que criam, são a marca de cada período da história.*” Podemos perceber claramente isso, ao analisarmos algumas técnicas e produtos que surgiram no final do século 19. Produtos como a lâmpada elétrica em 1880, tomadas e *plugs* em 1882, água encanada e sistema de tratamento de esgotos, todos esses do final do século 19, modificaram o espaço da casa e permitiram uma ampliação de seu horário de funcionamento. O espaço de higiene pessoal pode ser transferido para dentro de casa, sem haver mais a preocupação com a insalubridade e as doenças. Portanto, as novas técnicas, objetos e sistemas oriundos dela delimitaram, claramente, o início da era industrial como um novo cotidiano, com novos hábitos e novos *modus operandi*.

As cidades foram as primeiras a sofrerem o grande impacto da industrialização. Toffler (2001) enfatiza o conceito *big is beautiful* devido à importância crescente dada às grandes cidades e megalópoles em detrimento das pequenas comunidades. Ocorreu a reforma dos espaços públicos e privados em função da produção e do consumo dos produtos industriais que qualificam esses espaços. Esse aumento do bem-estar material era uma tentativa de compensação para o desconforto causado pela modernização e não ainda absorvido pelos indivíduos, como nos indica De Masi (1999, p. 29).

Seguindo essa tendência, podemos perceber que a maior oferta de bens de primeira necessidade passa a crescer bastante durante a consolidação da sociedade industrial. Argan (1998, p. 255) entende que “*a cidade está para a sociedade assim como o objeto está para o indivíduo. A cidade, portanto, é um objeto de uso coletivo*”. Desse modo, a cidade passa a ser o reflexo das condicionantes impostas pelo sistema industrial, explicitando suas contradições a

partir de novas configurações e tipologias do morar. A segregação habitacional é intensificada nesse período, tanto geograficamente quanto em termos de espaço habitável. Este se torna objeto de consumo, sendo discriminador social.

Já a era pós-industrial traz a valorização do núcleo familiar como célula de convivência civil e assiste à desagregação da família nuclear da era industrial, que agora dá lugar a novas estruturas. O declínio da vida associada à fábrica transforma as cidades pólos industriais em cidades terciárias. O mercado imobiliário se adapta a essa nova realidade, mantendo a escala industrial da construção, porém desenvolvendo um mínimo de personalização das moradias, por meio da flexibilidade das plantas. Bauman (2003, p. 45) indica, ainda, que não mais existe o lugar onde se passará a vida toda. O tempo do lugar ideal, indicado por Sennet, dura uma geração. O endereço permanente passa a ser o e-mail, perdendo-se, portanto, o conceito anterior que o ligava a um espaço físico e topográfico único. Tramontano (1998) nos mostra que, no período pós-guerra, a casa surge como um espaço mecanizado, idealizado, onde se desenvolvem as relações familiares nucleares. Porém, o modelo de família nuclear não suportaria as novas mudanças ocorridas no pós-guerra, e desmantela-se como conceito de ideal de vida da classe média mundial, no final dos anos 60, originando grupos familiares. A habitação, como não poderia deixar de ser, também se altera com essas modificações sociais. As mudanças nos hábitos de morar começam pela diminuição do número de filhos e o aparecimento de novos produtos a serem incorporados no ambiente doméstico, como *freezers*, microondas, a própria televisão, além do já conhecido rádio, que agora se transforma em aparelho de som. O aumento do trabalho domiciliar *on-line* torna-se crescente na sociedade atual e transforma-se em outro fator responsável pelas modificações nas relações de espaço na casa, na cidade e no ambiente do escritório. Não é possível fazermos uma análise do espaço da habitação sem nos referirmos à introdução das novas tecnologias digitais. A tecnologia provoca uma mudança na relação das pessoas com seu meio ambiente. Toffler (2001) define a nova unidade como “casa eletrônica”, espaço de habitação que liga o trabalhador ao seu ambiente de trabalho, sem exigir seu deslocamento físico.

As megalópoles, características da sociedade industrial, tendem a tornar-se estacionárias na sociedade pós-industrial. A procura de habitação, nas periferias das grandes cidades ou mesmo no interior, é uma tendência possível apenas após o desenvolvimento das tecnologias de comunicação a distância, nos anos 90. Esses dados podem ser comprovados ao analisarmos os censos de crescimento de diversas metrópoles, apresentados por Tramontano (1998, p. 213).

A sociedade industrial foi a responsável pela padronização das culturas e das estruturas sociais, a partir de esquemas culturais divulgados pelos meios de comunicação de massa. Em contrapartida, a cultura digital promove, atualmente, a fragmentação cultural, entendida como uma ruptura na cultura local, partindo da inclusão de elementos da cultura globalizada.

Bauman (2003, p. 45) cita como característica da sociedade pós-industrial um envelhecimento precoce das habilidades necessárias para o trabalho. Antes mesmo de dominarmos um determinado conteúdo, ele já está obsoleto e precisamos reciclar-nos. As habilidades, segundo o autor, deixam de ser vendáveis muito antes da data prevista.

A indústria definia o futuro do homem, a demonstrar que os conceitos utilizados para a análise e classificação da realidade eram os meios de produção e as relações entre as classes sociais. A padronização do tempo a partir do trabalho cria a divisão entre o tempo do trabalho e o tempo livre, o que leva à ocorrência de atividades iguais em várias partes do mundo, partindo da jornada de trabalho de oito horas diárias ou 40 horas semanais. A fragmentação técnica do trabalho torna-se a principal característica da era industrial, iniciada com a especialização de homens e máquinas. O ponto culminante dessa cultura é apontado por Bauman (2003, p. 37) como sendo o aparecimento da linha de montagem, no início do século 20, por Ford, e o estudo de Taylor sobre a organização científica do trabalho. Operando sob regras rígidas e unificadas, tendo como principais doutrinas a padronização e a centralização, o fordismo foi responsável por difundir os bens de consumo a preços menores, ampliando, assim, o mercado consumidor no período pós Primeira Guerra Mundial. Mais do que apenas se referir à descrição dos modos de produção, o fordismo é, muitas vezes, utilizado de forma mais abrangente para descrever as várias mudanças ocorridas nos processos culturais e políticos, como nos lembra O'Sullivan (2001, p. 111-112). Traçando uma metáfora, o autor esclarece que a idéia original de Ford era *“a possibilidade dos clientes terem um automóvel em qualquer cor, conforme seu gosto, desde que fosse preto”* (2001, p. 112), demonstrando claramente como os preceitos adotados geravam uma postura restritiva ao desenvolvimento da “cultura do consumidor” diferenciado.

O período pós-fordista é considerado, pelo autor, uma alteração histórica determinante que possibilitou a abertura para novos mercados econômicos e culturais, a partir de novas tecnologias da informação. Suas principais características são a redução e flexibilização das unidades de produção, permitindo, assim, respostas mais satisfatórias e de maior alcance a demandas de consumidores segmentados e especializados. Isso se deveu também ao fato de as tecnologias digitais necessitarem de capitais fixos bem menores do que as mecânicas utilizadas na era industrial, segundo Santos (2000). A mobilidade social, característica da sociedade industrial, mostra seus frutos agora, com o aumento da classe média e novas características de consumo. Diferentemente do que ocorria na sociedade industrial, quando um estilo era criado para a imitação das massas, esse novo estilo de vida cosmopolita celebra a irrelevância do lugar. Bauman (2003, p. 55) afirma: *“Não importa onde estamos, o que importa é que estamos lá.”* Assim, *“A identidade cosmopolita é caracterizada pela mesmice, uniformidade mundial dos passatempos e semelhança global dos alojamentos públicos homogêneos, regras de admissão são estrita e meticulosamente impostas, mesmo que informalmente, os padrões de conduta precisos e exigentes demandando conformidade incondicional. A eliminação dos diferentes é cultural”*. (BAUMAN, 2003, p. 55)

A queda do modelo industrial de submissão anuncia o aumento da liberdade individual. Isso traz uma sensação de insegurança generalizada, pois, paralelamente ao aumento da liberdade individual, temos uma sociedade baseada em comunidades estéticas, nas quais vínculos pessoais são perdidos e faltam modelos de comportamento adequados a suprir as necessidades psicológicas do indivíduo. Santos (2000, p. 58) declara: *“Jamais houve na história um período em*

que o medo fosse tão generalizado e alcançasse todas as áreas da nossa vida: medo do desemprego, medo da fome. Medo da violência, medo do outro.”

Esse mundo cada vez mais ameaçador nos leva à busca de refúgio. Essa tendência, indicada no *Relatório Popcorn* (1994), foi definida pela autora como “encasulamento”, na qual as pessoas tendem a recolher-se em casa para se proteger e buscar um refúgio para o mundo violento. Outra tendência decorrente desta, identificada no mesmo relatório, foi o que a autora denominou “aventura da fantasia”. As pessoas, devido ao encasulamento, tenderiam a querer viver aventuras em ambientes virtuais, que proporcionam prazeres sem desconforto ou insegurança e perigo.

As modificações na relação trabalho/casa, com o já citado afastamento das pessoas de seu local de trabalho por longos períodos, faz com que o tempo social volte a tolerar a convivência entre diferentes ritmos, respeitando a diversidade e perdendo a sincronicidade presente na era industrial. É o conceito do *just in time* infiltrando-se no cotidiano. Temos, na verdade, dois tempos acontecendo simultaneamente. Por um lado, a globalização necessita de um aumento de velocidade, para dar conta da crescente competitividade do mercado. Por outro lado, o cotidiano como espaço que abriga todas as modalidades da existência (SANTOS, 2000, p. 127), abrange várias temporalidades que estão simultaneamente presentes. Assim, a convivência entre os dois tempos é a contraposição entre o tempo das atividades globalizadas, as quais trabalham com um relógio universal, e a realidade das atividades da vida cotidiana. A primeira tenta produzir um mundo do tempo real a partir de uma homogeneização, que Santos considera “empobrecedora e limitada”. A segunda tenta respeitar o ritmo local de cada população. O resultado é um processamento do tempo sincrônico, em que os dois ritmos convivem, porém não harmonicamente, e o tempo universal sempre tenta se sobrepôr ao tempo local. Assim, ocorre uma valorização do lazer e da cultura, com significativo aumento da indústria do lazer e do turismo, criando, com isso, modelos culturais. Trabalho pode se confundir com lazer.

A predominância do setor secundário na era industrial fez com que as fábricas se tornassem locais de grandes dimensões, onde era possível destinar a cada produto industrial um local preciso (fábrica) e tempos precisos (padrão) de produção. O aumento da produção de massa foi apenas uma consequência do domínio desse sistema. O uso de modelos estruturados hierarquizados, organizados por departamentos, era a principal característica da organização industrial. A centralização de informações e decisões era o ponto mais importante no gerenciamento das empresas nesse período. Aliada a essa estrutura rígida veio a padronização dos produtos, sistemas produtivos e infra-estruturas e dos pesos e medidas. A crença *no one best way*, um único caminho possível que leva a alcançar objetivos ótimos, demonstra bem a tendência desse período de aquisição de conhecimento linear. Segundo Naisbitt apud De Mais (1999, p. 355), o sistema econômico desse período era nacional e auto-suficiente.

Já na era pós-industrial estabelece-se a diferença entre empresas mundiais e multinacionais. Estas últimas tendem a contar com operações relativamente independentes e transferir tecnologia em desuso aos países em desenvolvimento. Já as empresas mundiais contam com todas as afiliadas atualizadas com os avanços tecnológicos e são responsáveis por partes ou componentes dos “produtos

mundiais”. São, portanto, como o velho e o novo modelo de uma corporação. Para Santos (2000, p. 28), as empresas mundiais são os atores hegemônicos do cenário contemporâneo, e têm como principal característica a produção fragmentada e desterritorializada. Cada parte do produto pode ser feita em lugares diferentes, graças à presença das tecnologias digitais, estas também de característica hegemônica. Os processos, portanto, ocorrem em escala mundial. Ele também indica a “mundialização” dos produtos como uma tendência produtiva contemporânea. O autor afirma: *“Com a globalização, o que temos é um território nacional de economia internacional.”* (SANTOS, 2000, p. 76)

A dependência passa a ser tecnológica e não mais produtiva. Se considerarmos as quatro fases definidas por Hegedus – concepção, decisão, produção e consumo, podemos perceber que a principal característica da sociedade pós-industrial é que, no processo de criação, produção, lançamento e consumo de um novo produto, essas quatro fases acontecem em locais diferentes. A gestão do desenvolvimento técnico e do controle normativo da tecnologia assume o lugar do rudimentar “controle da qualidade”. O desenvolvimento de conceitos como qualidade total, desenvolvimento de equipes e gerência participativa são respostas para as novas relações produtivas. A busca de maior produtividade e agilidade são fundamentais para responder às necessidades impostas pelo ritmo das mudanças.

A organização empresarial pós-industrial passa a ser mais enxuta e flexível, horizontalizada, sem cargos fixos, pois as estruturas verticais não permitem mobilidade e fluidez comunicacional, sendo, portanto, inadequadas ao novo estado de pensamento digital. A preocupação com a imagem da empresa/marca torna-se o fator primordial. A marca passa a ser o principal patrimônio da empresa no lugar de equipamentos e bens imóveis (ativo fixo).

Vários autores concordam que os produtos de consumo continuarão a ser produzidos em larga escala, porém o nível de personalização será crescente, como indicam De Masi (1999) e Kerckhove (1997). Essa personalização, porém, será executada programadamente pelas máquinas, de modo automatizado. O trabalho humano necessário para a produção desses objetos estará nas mãos dos designers, gestores de métodos e processos e dos técnicos, tirando, do plano central da produção, o operário.

A era industrial foi caracterizada pela aplicação das descobertas científicas aos processos produtivos industriais; assim, as empresas se caracterizam por serem importadoras de preceitos e tecnologias da comunidade científica. Isso levava, entre outras coisas, à racionalização progressiva e aplicação da ciência na organização do trabalho. O registro de patentes foi a maneira escolhida para proteger a aplicação industrial dos conhecimentos tecnológicos, como forma de detenção dos direitos de produção de idéias. Já na sociedade pós-industrial a propriedade depende dos meios de concepção e informação e não dos meios de produção. O registro de patentes como modo de detenção dos direitos de produção de idéias torna-se mais importante do que a detenção de uma tecnologia produtiva.

A relação homem-tecnologia também sofreu grandes transformações na passagem da sociedade industrial para a pós-industrial. Alguns autores, incluindo Kerckhove e Naisbitt, indicam que, na sociedade industrial, a relação

do indivíduo com a tecnologia era pessimista e estabelecia um confronto competitivo, tornando sua atitude catastrófica, impessoal, fria e desumana. Para esses autores, na era pós-industrial, a relação do indivíduo com a tecnologia passa a ser instrumental e positiva, a partir do aumento da tolerância, a criar uma relação instrumental mais equilibrada. Isso também se deve a uma melhoria considerável nas interfaces. As tecnologias de produção e informação atingem também países menos desenvolvidos, estabelecendo um novo sistema de dependência e de divisão internacional do trabalho. Empresas se tornam geradoras de tecnologia, exportando condutas, valores e domínio de habilidades tecnológicas para a sociedade. Inverte-se, portanto, o padrão estabelecido anteriormente, como nos mostra Lima (2000, p. 104): *“[...] de importadoras de condutas e tecnologias anteriormente desenvolvidas no ambiente social, as empresas passaram a exportar para o macro sistema uma gama de novas tecnologias e de modelos de condutas que estão mudando o perfil da sociedade e intervindo no seu construto.”*

O aumento da tolerância é necessário para contrabalançar as possibilidades oferecidas pela inovação, com as necessidades psicológicas do indivíduo, que não podem ser eliminadas. Passa-se a ter o binômio alta tecnologia/alta sensibilidade, sendo esta última uma grande modificação no estilo de vida atual. Savoia (in DE MAIS, 1999, p. 365) declara: *“No imaginário coletivo, portanto, a tecnologia não é mais o mal. Ela pode ser um bem, porque permite economia de tempo e energia, porque é útil mas sobretudo porque exalta os valores do individualismo e da autonomia.”* Porém, Santos (2000) explica que a presença quase divina das novas tecnologias no cotidiano contribuíram para sua banalização, mas não para sua desmistificação, enquanto ainda são elementos distantes de nossa compreensão.

A interatividade, proporcionada pelas tecnologia digital e tecnologia da informação tornou-se realidade. É o aperfeiçoamento das técnicas de previsão e de programação, reduzindo a ansiedade em relação ao futuro. A miniaturização dos instrumentos técnicos também é uma característica tecnológica importante para os processos produtivos, pois permite reduzir o custo dos testes e pré-testes necessários aos lançamentos de produtos e também reduz os espaços necessários para as operações produtivas.

Kerckhove (1997, p. 221) declara que as inovações tecnológicas causam a perda das dimensões e proporções humanas, ponto este importante a ser considerado quando pensamos o projeto de um novo objeto.

Podemos identificar, desse modo, vários elementos comuns entre a sociedade rural e a pós-industrial; isso poderia indicar que a sociedade industrial seria apenas uma ponte para a passagem entre a primeira e a terceira ondas, definidas por Toffler (2001). Ele aponta, como elementos comuns, a revalorização do núcleo familiar, a produção para consumo próprio, a desestruturação do tempo e do espaço do trabalho e do não-trabalho, a desmassificação da cultura e o individualismo psicológico e cultural.

A sincronicidade estabelecida pelo tempo do trabalho e a distribuição entre trabalho e lazer perde o sentido em uma sociedade *on line*, na qual o trabalho pode se dar em qualquer lugar e a qualquer hora, independente da presença física dos envolvidos. Isso destrói também a sincronicidade espacial. A

oferta de produtos como a educação a distância, *e-commerce*, videoconferências, traz o que podemos chamar de “despadronização do tempo”. Entendida como a quebra do padrão industrial de uso do tempo, indicado anteriormente por Baumann, essa pode ser considerada uma tendência crescente e visível no mundo contemporâneo.

De Masi (1999) enfatiza, entretanto, que a evolução social é sempre muito mais lenta do que a científica ou a tecnológica; por isso, ainda vivemos etapas de transição e adaptação social aos novos modelos. Um exemplo disso é o crescente desemprego em todo o mundo, acompanhado do aumento de produção, reflexo da não-adaptação da sociedade ao novo sistema, que ainda precisa de ajustes sociais. Todas essas modificações transformam a era pós-industrial na era da incerteza, uma vez que o tempo de permanência em cada situação está cada vez mais restrito. Constantes e rápidas mudanças nos deixam inseguros e não permitem se estabelecerem padrões duradouros de comportamento ou modos de ação.

## O OBJETO

A criação de objetos sempre teve um papel fundamental para a evolução social e cultural da humanidade. Desde o período neolítico, quando o homem deixou de ser nômade e fixou-se para cultivar, os objetos se tornaram agentes sociais e culturais para responder à sua necessidade de melhorar a qualidade de vida, a partir da diminuição da necessidade de esforço físico para desempenhar tarefas. Isso se potencializou e atingiu seu estágio máximo com a sociedade industrial, com a identificação dos objetos como elementos capazes de proporcionar prazer e felicidade a seus possuidores. Aplicamos, assim, o conceito de Jacques Ellul apud Bauman (2003, p. 76), que considera a busca da felicidade e o prazer como os elementos caracterizadores da era moderna. Baudrillard (1993) também indica que a ideologia da sociedade de consumo baseia-se nessa mesma crença, visão considerada antropológica ingênua na qual a propensão natural para a felicidade é o ponto central.

Moles (1974, p. 11-12) entende o objeto como criador do entorno cotidiano, capaz de estabelecer relações e comunicação social, carregado de valores capazes de permitir uma leitura a partir de suas conotações. Desse modo, podemos dizer que a evolução dos objetos representa a evolução da sociedade e sua existência define o entorno<sup>4</sup> do homem. Ele se torna um prolongamento do ato humano, sendo, então, mediador na relação homem-sociedade. Importante notar que, ao analisarmos a cronologia dos principais produtos e tecnologias desenvolvidos pelo homem nos últimos 100 anos, apresentada por Lima (2001) e Kerckhove (1997), observamos o seguinte: qualitativamente, uma parte significativa das invenções dos últimos 100 anos pertence a duas categorias apenas – produtos para locomoção e produtos para comunicação. Automóvel, avião, telégrafo, telefone, televisão e computador são os principais produtos encontrados como os mais importantes no desenvolvimento da sociedade. Do transporte a pé e a cavalo aos carros atuais e jatos supersônicos, a mudança na configuração do espaço urbano foi enorme. O

(4) Moles (1974, p. 12) define entorno como “... *todo lo que está alrededor de un individuo en el espacio o en el tiempo*”.



aumento das distâncias necessárias para serem percorridas pelo homem na sociedade industrial obrigou a cidade a abrir espaços para novos meios de transportes mais eficientes e rápidos, permitindo a chegada antes ao local desejado. Ao mesmo tempo, necessidades de produção e distribuição dos bens de consumo transformaram os sistemas de comunicação em algo de vital importância para a manutenção da estrutura social vigente.

Hoje, o que vemos na sociedade pós-industrial é o início do esgotamento dessa configuração metropolitana, a qual, com seu crescimento desordenado nas metrópoles do Terceiro Mundo, tornou insalubres os espaços urbanos, privados e públicos. Poder fazer quase tudo sem sair de casa, dependentes que nos tornamos do computador e das redes de informação, retransforma novamente a relação do homem com os objetos cotidianos e com o espaço. Distâncias agora comportam outra medida, ordens de grandeza são alteradas, opções diferentes para solução dos problemas são propostas pelas novas tecnologias da informação. Essas mudanças indicam mais do que apenas um outro *modus operandi*, apresentam uma nova realidade a ser entendida pelos designers. Novos objetos se tornam necessários a partir de uma nova organização social que está ocorrendo em dois momentos: impulsionada pelas mudanças da sociedade pós-industrial e incentivada, principalmente, pela revolução da tecnologia da informação. A aldeia global difunde a idéia do saber instantâneo, em que a comunicação é intermediada por objetos e não é mais uma interação entre as pessoas. Milton Santos (2000, p. 171) escalrece: *“nos últimos 50 anos criaram-se mais coisas do que nos 50 mil precedentes.”* O autor declara que, além de presentes em maior quantidade, os objetos contemporâneos exercem um papel de comando em nossa vida cotidiana, diferente do que faziam anteriormente. Portanto, podemos dizer que os objetos da sociedade pós-industrial potencializaram seu papel de definidores do entorno cotidiano, assumindo a função de protagonistas da história social. Se até a Revolução Industrial os objetos surgiam para suprir necessidades do homem, a partir dela o sistema capitalista passa a criá-las e tornamo-nos dependentes desses novos objetos, como já foi dito por Baudrillard em seu livro *Sistema dos objetos* (1991). Segundo o autor, *“Se antes, era o homem que impunha seu ritmo aos objetos, hoje são os objetos que impõem seus ritmos descontínuos aos homens”* (BAUDRILLARD, 1991, p. 169). É um reflexo de nosso tempo acelerado.

Tomando como principal objeto de estudo deste artigo a modificação do papel do objeto na sociedade, a partir das modificações ocorridas em seu modo de produção, podemos dizer que se estabeleceu uma relação de interdependência entre as questões psicológicas e técnicas envolvidas nesse processo. O impacto das novas tecnologias na sociedade modificou o modo de pensamento e de aquisição do conhecimento. Novas informações disponibilizadas pelas mudanças tecnológicas já não se prestam às análises comparativas, pois o que se faz atualmente é tão diferente do que se fazia antes, que não é possível estabelecer uma referência. Isso nos mostra a necessidade de novas ferramentas de análise a permitirem entender melhor como trabalhar projetos de design adequados a essa nova realidade.

Para concluir, citaremos Kerckhove, indicando que a tecnologia modifica a relação do homem com o ambiente e o design é o planejamento dessa

modulação, dando sentido à tecnologia. *“Design pode ser considerado a forma exterior visível, audível ou texturada dos artefactos culturais. O Design é a pele da cultura.”* (KERCKHOVE, 1997, p. 212)

O grande desafio se torna entender o que a sociedade contemporânea espera dos novos objetos e qual deve ser nossa postura projetual diante dos novos desafios propostos pelo atual arranjo. Contrapondo os conceitos apresentados para caracterizar os dois momentos históricos aqui relatados, temos também, a partir deles, os conceitos a serem explorados pelo design contemporâneo. Se o design da sociedade industrial era baseado em concentrar, agregar, centralizar, tornou-se convergente. Padronizar e especializar tornou-se massificante. Agigantar e maximizar tornou-se quantificante. Portanto, aplicando os conceitos da sociedade pós-industrial, podemos dizer que, se o design contemporâneo está baseado em pulverizar, dispersar, descentralizar, torna-se divergente. Generalizar, customizar, programar torna-se identificante. Diminuir e minimizar torna-se qualificante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise crítica sempre é mais precisa após o período histórico estudado ter-se concluído, quando os fatos consolidados nos fornecem dados melhores para sua compreensão. Entretanto, o ato projetual pressupõe um antever, uma projeção para um tempo futuro, no qual ainda não estamos vivendo, ainda intangível. Não projetamos para hoje. A espera dos dados consolidados não é possível. Lidar com a incerteza que cada época traz em si faz parte do processo de compreensão do cenário no qual o design se desenvolve e consolida como atividade produtiva, mercadológica e cultural. As modificações tecnológicas aqui apresentadas não são apenas uma questão dos “novos tempos”. Em todos os momentos da história, as modificações tecnológicas constroem um novo cenário e interferem em todos os setores da sociedade, do cotidiano ao setor produtivo. A compreensão dos elementos característicos de cada época é de fundamental importância para o desenvolvimento da atividade projetual.

Os objetos contemporâneos nascem e sobrevivem no atual cenário, a partir da construção de sua identidade e de uma qualidade que inclua, além das questões técnicas, um elevado grau de interatividade. Devem estabelecer vínculos emocionais com os indivíduos, incorporando-se à sua vida. O ambiente do objeto, portanto, passa a ser prevalentemente psicológico e simbólico, carregado de significados que superam a funcionalidade. Os objetos trazem, incorporados em si, a tecnologia digital como interface a permitir novas possibilidades. Não precisando mais se destacar por suas características tecnológicas, podem tornar-se mais amigáveis e construir um ambiente cotidiano que busca se aproximar mais do indivíduo. Qualificam o ambiente, identificam e tornam-no, ao mesmo tempo, único, personalizado e, paradoxalmente, incrivelmente igual e massificado. Essas são as contradições do ambiente do objeto na sociedade contemporânea: a busca de construir-se uma identidade, a partir dos objetos em constante luta com a hegemonia presente pela globalização.

## BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, G. C. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993. (Coleção Debates).
- BAUMAN, Z. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BEDBURY, S.; FENICHELL, S. *O novo mundo das marcas – 8 princípios para a sua marca conquistar a liderança*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BELL, D. *Advento da sociedade pós-industrial: Uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- DE MASI, D. (Org.) *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Senac, 1999.
- GALE, C. *Psicologia do consumidor e da propaganda*. Ed. revisada e ampliada. São Paulo: EPU, 1998.
- KERCKHOVE, D. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'água, 1997. (Coleção Mediações).
- LIMA, F. *A sociedade digital. O impacto da tecnologia na sociedade, na cultura, na educação e nas organizações*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.
- MOLES, A. *Teoría de los objetos*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1974.
- O' SULLIVAN, T.; HARTLEY, J.; SAUNDERS, D.; MONTGOMERY, M.; FISKE, J. *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*. Piracicaba: Unimep, 2001.
- POPCORN, F. *O Relatório Popcorn. Centenas de idéias de novos produtos e novos mercados*. Rio de Janeiro: Campus, 1994.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- TOFFLER, A. *A terceira onda*. 25 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- TRAMONTANO, M. *Novos modos de vida, novos espaços de morar. Uma reflexão sobre a habitação contemporânea. Paris, São Paulo, Tóquio*. 1998. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

---

### Denise Dantas

Arquiteta, mestra e doutora pela FAUUSP, com especialização em Industrial Design pela Scuola Politecnica di Design di Milano (1990). Atualmente é professora IV do Centro Universitário Senac e sócia proprietária da Delinea Design Ltda – ME.  
e-mail: dedantas@terra.com.br